

CORPOS EM TRÂNSITO: UM ESTUDO SOBRE O ASSÉDIO SEXUAL NOS TRANSPORTES COLETIVOS DE ARACAJU¹

Maria da Conceição dos Santos²

Universidade Federal de Sergipe (UFS) conceicaooc.sociais@gmail.com

Resumo

Cotidianamente as mulheres são assediadas ao acessarem o espaço público. No entanto essa conduta é naturalizada e entendida como “cantada” ou elogio. A pergunta que orienta este trabalho é: o que possibilita as mulheres serem assediadas? Ao tomar a questão do assédio sexual como objeto de análise, direcionei o foco para os casos que acontecem no transporte público. Para tanto, debruço-me sobre os relatos das experiências de mulheres que presenciaram ou vivenciaram na própria pele o assédio sexual. A partir dessas narrativas, meu objetivo foi que trouxessem suas percepções acerca do assédio sexual, como elas lidam com esse fenômeno, e quais as consequências trazidas, os efeitos que esse tipo de violência produz. Somando-se a isso, através de entrevistas foi possível entender o assédio sexual explicado através dos homens, minha intenção foi acessar a lógica do pensamento masculino e compreender o assédio a partir de seus posicionamentos e perspectivas. Assim objetivei chegar a uma visão relacional e possibilitar compreender (inclusive a partir de seus discursos) por que os homens assediam as mulheres, e em alguns casos, a outros homens.

Palavras-chave: Assédio sexual, masculinidades, transporte coletivo.

Introdução

Este trabalho tem como tema o assédio sexual contra as mulheres que ocorre no transporte público em Aracaju. Diz respeito a abordagens invasivas, constrangedoras e ameaçadoras de cunho sexual, sem o consentimento da outra parte³. Podendo manifestar-se na forma de toques indesejados em partes íntimas das passageiras e dos chamados “*encoxamentos*” – termo popular para descrever o ato de o passageiro encostar-se maliciosamente contra o corpo das mulheres. O assédio sexual

¹ Pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através da concessão de bolsa.

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal de Sergipe (UFS).

³ Para saber mais sobre o que é tipificado como assédio sexual ver folder produzido pela Campanha Chega de Fiu Fiu em parceria com a Defensoria Pública de São Paulo disponível em: <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Conteudos/Noticias/NoticiaMostra.aspx?idItem=52821&idPagina=3086>

Acesso: 19 /01 /2015.

apresenta-se também na forma verbal e através de atos obscenos, quando o passageiro exhibe e/ou toca os órgãos genitais em público, geralmente encarando para uma mulher.

A composição do presente artigo dá-se a partir de dois pontos principais: No primeiro momento detenho-me nos casos de assédio sexual no transporte coletivo de Aracaju, através de relatos de mulheres que passaram por essas experiências. Dessa forma, busquei entender como foram afetadas, observando-se as mudanças de rotina; os sentimentos – de medo, nojo, raiva – produzidos.

Num segundo momento, minha intenção foi compreender o assédio a partir dos posicionamentos e perspectivas dos homens. Percebe-se que muitas explicações recaem sobre estereótipos e até patologizações, a exemplo da convicção de que o homem é detentor de uma “natureza sexual difícil de ser controlada” e da mulher como alguém que tem uma necessidade natural de ser elogiada pelos homens.

Ao abdicar da dicotomia algoz-vítima, abre-se a possibilidade de trabalhar a dimensão relacional do conceito de gênero, como ressaltou Medrado em seus estudos sobre homens e masculinidades:

ao invés de procurar os culpados, é necessário identificar como se institucionalizam e como se atualizam as relações de gênero, possibilitando efetivamente transformações no âmbito das relações sociais ‘generificadas’, ou seja, orientadas pelas desigualdades de gênero (MEDRADO 1996 apud MEDRADO et.al. 2008, p. 820).

Destarte, o propósito no presente trabalho não é condenar as condutas dos homens de modo individualizado, mas perceber o que torna possível que os abusos sexuais na forma de assédios aconteçam e como as relações sociais desiguais entre homens e mulheres contribui para a naturalização da violência.

É possível afirmar que o transporte coletivo é um bom ponto de observação de fenômenos sociais relevantes na sociedade brasileira contemporânea. Dito isto, o que proponho é que para além do assédio sexual contra as mulheres, a presente pesquisa contribui para refletir como as interações que ocorrem no ambiente dos ônibus interpelam a estrutura social mais ampla que estão inseridas, no caso brasileiro, marcada por enormes desigualdades de raça, classe e gênero. Discutir o assédio sexual nos transportes coletivos é ao mesmo tempo pensar sobre o lugar da mulher na sociedade contemporânea.

O objetivo deste trabalho é refletir como o gênero é articulado para produzir desigualdades no compartilhamento do espaço público e como o assédio acaba se tornando uma das expressões da discriminação de gênero e da exclusão social e espacial. Assim, a partir desse questionamento,

busco responder as seguintes indagações: Como o assédio sexual afeta a vida das mulheres? Como elas lidam com esse fato em seu cotidiano? De que maneira a sociedade reage diante de situações de assédio? E por fim, qual a posição dos homens sobre o assédio sexual. Com isso, propõe-se contribuir sociologicamente na formulação de reflexões para um problema social que tem recebido pouca atenção no âmbito acadêmico.

Metodologia

A metodologia utilizada para dar conta de tais questões consistiu primeiramente no levantamento de material bibliográfico que desse uma dimensão acerca da discussão sobre o assédio sexual, que incluiu recortes de jornal local impresso, jornais eletrônicos, blog, *Facebook*, vídeos no *You Tube*, panfletos do movimento feminista local, etc. Além da produção científica na área das ciências humanas abordando essa temática. A intenção nesse caso era mostrar como o assédio era tratado, definido, seja entre militantes, veículos de comunicação ou na academia.

Em um segundo momento, foram feitas observações participantes nos terminais de integração de Aracaju, em pontos e em linhas de ônibus, observados em diferentes dias da semana e em diferentes horários, anotados em um caderno de campo. Foi possível observar algumas regras que regem as relações sociais que se dão em pequenos instantes, na efemeridade da copresença entre desconhecidos.

Contudo, a centralidade é dada aos relatos de casos de assédio sexual. O acesso às interlocutoras, deu-se em parte através de depoimentos divulgados via *Facebook* de casos de assédio sexual nos transportes coletivos de Aracaju, como também a partir de laços construídos com coletivos feministas. No entanto, comparo esse processo de construção de redes a um novelo de linha, pois ao conversar com uma mulher sobre suas experiências de assédio sexual, ela indicava-me outra, que indicava-me outra, assim fui tecendo uma rede de contatos. A maioria dos relatos é de estudantes universitárias e secundaristas, mas procurei ouvir também domésticas, servidoras públicas, trabalhadores do comércio, etc.

Por fim, estabeleci o diálogo com alguns homens, através da realização de entrevistas semiestruturadas; na perspectiva de poder ouvir um número de usuários frequentes do transporte coletivo, levando em consideração sua diversidade – estudantes secundaristas e universitários, trabalhadores, funcionários do transporte coletivo – realizei entrevistas em terminais rodoviários, escola pública, universidades e construção civil.

Resultados

Não existe uma única motivação à qual possamos apontar para entender por que ainda é normalizada a violência sexual através dos assédios sexuais, seja nos ônibus, seja em outros locais, mas existe no imaginário popular justificativas que culpabilizam a vítima e desculpam os homens; costumam ser respostas pouco refletidas, que ora apontam para o comportamento e conduta das mulheres, ora para explicações deterministas com base nas diferenças anatômicas e fisiológicas, orientadas por estereótipos tradicionais de masculinidades. Assim vemos a dissimetria que existe na condição de homens e mulheres em nossa sociedade e como essas relações sociais desiguais contribuem para a naturalização da violência.

O assédio sexual acontece com regularidade dentro dos transportes coletivos em Aracaju e de uma forma geral, é possível afirmar que ainda não é reconhecido como uma conduta inadequada. As opiniões de homens e mulheres sobre o tema, a falta de solidariedade e o silêncio diante de situações de assédio apontam para isso. Mas as mulheres estão começando a quebrando o silêncio e posicionando-se contra isso. É possível afirmar que a atuação do feminismo através das redes sociais esteja aos poucos, atingindo uma parte maior da população e de alguma maneira contribuindo para que de forma processual haja maior reconhecimento e visibilidade quanto à gravidade da violência sexual contra as mulheres.

O assédio tem a ver com a atualização de uma relação de poder, que se dá pelo constrangimento. Quando um homem assedia não é porque quer desenvolver uma relação com ela, não é porque está interessado, é para demonstrar que aquele é seu lugar. Essa relação dá-se com qualquer tipo de mulher, independente da roupa que ela usa, do local onde ela está, da sua aparência física ou do seu comportamento, mas não as atinge da mesma maneira, pois com algumas pode ser mais hostil e nem todas estão igualmente expostas a essas situações.

Tornar-se mulher é tornar-se alvo

A culpabilização da vítima é um dos traços importantes ao tratar-se da violência sexual contra as mulheres. Ocorre por exemplo, quando sugerem que ela provocou ou permitiu que lhe acontecesse aquela situação. Assim interpelam-na: “mas que roupa você estava usando?” “Será que você não provocou?” Os rumores sobre a possível conduta da vítima representam uma não acolhida

à sua dor, o que causa sensação de sofrimento e contribuem para o silêncio. Pollak em interessante trabalho sobre memória e identidade, argumenta que esses silêncios e “não-ditos” são moldados “pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, 1989, p. 8). O quadro culpabilizante se completa com a frase: “mas você está exagerando!”, que tenta minimizar a gravidade do assédio e deslegitimar a fala de quem passou por essa situação.

Durante a construção da presente pesquisa, uma das questões que surgiu dizia respeito a como o “tornar-se mulher” significa “virar alvo”. Uma militante do movimento transfeminista de Aracaju, relatou sua transição e descreveu como virou alvo de assédio a partir do momento que começou a se “hormonizar”. Percebendo assim como o “tornar-se mulher” expõe a situações de assédios em seu cotidiano. Por outro lado, outras garotas narraram como utilizavam a masculinização dos seus corpos para que pudessem passar despercebidos aos olhos dos homens. Nesse sentido, usam-se faixas para esconder os seios durante a adolescência, deixam-se os cabelos curtos e usam-se roupas muito folgadas – “me sinto andando na cidade armada, com o gatilho sempre pronto”, revela uma delas. Soma-se a isto a atitude mais hostil e no semblante a expressão séria como mecanismo de defesa.

Como as mulheres costumam reagir em situações de assédio, quais as estratégias usadas para se defender.

O medo faz com que a rotina das passageiras seja modificada através de pequenos gestos, como não passar pela catraca até chegar ao destino, não encarar os passageiros, evitar usar determinados tipos de roupa (curta, decotada, vestido). Quando se veem acossadas, dão cotoveladas; descem no primeiro ponto que encontram; gritam pelo motorista, pedindo ajuda, usam a bolsa como escudo que a separe de quem tenta roçar-se, evitam sentar perto dos homens. Trata-se de medidas tomadas nos trajetos diários, tornando a viagem mais desgastante.

Nos relatos sobre o assédio são descritos sensações e sentimentos tais como: nojo, raiva, impotência, medo, etc. O medo geralmente está relacionado a possibilidade de que o indivíduo esteja armado e possa cometer uma violência maior, ou, num extremo, a possibilidade do estupro. Lidar com o assédio requer adequar-se, fazer concessões no dia a dia, deixar de fazer ou passar a fazer determinadas coisas. Com Beatriz, após algumas experiências de assédio nos ônibus, um dos caminhos encontrados por ela foi adquirir uma postura mais hostil.

Quando entro no ônibus já fico toda arisca, preparada pra dar um “argh!, não vem pra cima de mim”. Eu não sento no fundo do ônibus se tiver só homem, se tiver dois lugares de um lado com homem e de outro com uma mulher, eu sento perto da mulher, não garante nada, mas eu fico tentando essas artimanhas pra não ficar perto de homem, aversão mesmo, total, e sei lá como eles naturalizam assim na cabeça; sou bem arredia. Antes, eu não facilitava as coisas, mas não me incomodava a presença dos homens. Hoje em dia me incomoda só a presença do homem perto, ele pode até ser respeitador e ter noção do que é tá no mesmo espaço da mulher, mas eu tenho aversão porque não conheço o cara. É bem complicado no cotidiano (Beatriz, 29 anos, servidora pública).

O desrespeito ao espaço e aos limites do corpo do outro é não reconhecer as dimensões da sua individualidade e privacidade. Retorno ao caso de Beatriz, quando ela relata que suas experiências negativas no transporte coletivo contribuíram para o desenvolvimento do quadro de síndrome do pânico e só depois de alguns meses recomeçou sua rotina.

O pior dia foi quando um cara quando eu estava na Praça do Siqueira Campos esperando ônibus, ele veio e pegou no meu seio. Eu me senti invadida. Mistura de raiva com vergonha. Queria sumir. Ninguém fez nada. Raiva, muita raiva. Muita raiva mesmo. Na hora eu senti vontade de pular em cima dele e esganar. E depois... qual é a palavra? É como se eu não tivesse poder de defesa... esqueci o nome da palavra. Vulnerável sabe (Beatriz, 29 anos, Servidora Pública).

Vergonha e perplexidade são muito comuns quando as mulheres se veem em situações de assédio no espaço público. Acrescentando-se também a sensação de culpa, relacionada a postura, a roupa, ao fato de ter entrado no ônibus lotado, entre outras explicações individuais que tentam justificar o porquê de aquilo estar-lhes acontecendo.

Na maioria dos casos que tive acesso para esta pesquisa, fora relatado a falta de solidariedade dos passageiros quando observaram situação de assédio sexual. O que poderia ser interpretado como sua naturalização, de modo que tal atitude não representaria para essas pessoas uma quebra das regras de conduta que tratam de como devemos nos comportar quando na presença de outros. Em alguns casos, as pessoas baixaram a cabeça ao se depararem com a situação, foi muito expressivo a presença de relatos sobre pessoas que riram, ou encararam como algo menor.

Deixe eu contar uma experiência que aconteceu comigo no [ônibus] Santa Maria Campos. Saindo do Rosa Elze, seis horas da manhã. Ele sai lotado. Subiu eu e uma amiga que trabalha na limpeza do shopping. Nós vimos um cara se roçando atrás e a gente ficava o tempo todo sempre mudando a posição, mas não tinha mais pra onde a gente correr e aí eu fiquei de lado e botei o meu cotovelo na barriga dele. Ela fez o mesmo, só que ele deu um jeitinho e foi pra trás e ela de novo virou e ficou de frente e ele disse: “de frente fica melhor”. E o ônibus cheio e os que

estavam próximo riam. Riam mesmo. Ela disse: “ah meu amigo você vai ver com quantos paus se faz uma canoa”. Ela pegou nas partes íntimas dele e apertou e ele deu um grito dentro do ônibus e ela disse: “feche a boca senão vai sair pela boca”. E apertando. O cara tirou, os outros se calaram, ele deu sinal, quando chegou em frente à Empresa Progresso⁴, dois pontos depois, ele desceu. “Motorista, vou descer, vou descer”. Aí um cara disse: “Põe gelo!” aí começaram a tirar onda, mas na hora que ela falou do assédio eles riram – os homens, porque as mulheres ficam indignadas. Mas eles simplesmente riram. Mas quando o cara saiu, começaram a zombar dele. A gente se sente frágil mesmo, injustiçada, por que naquele momento a gente vai recorrer pra quem? (Leila, 49 anos, doméstica).

Já nas situações em que existe uma solidariedade à pessoa que denunciou, o que costuma acontecer é o homem se sentir constrangido e descer o mais rápido possível do veículo. O caso de Leila e sua amiga é interessante, pois mostra como elas reverteram uma situação em que eram o alvo do deboche, quando expuseram que estavam sendo assediadas, mas ao enfrentarem, conseguiram que o constrangimento fosse direcionado ao assediador.

“Desejos irrefreáveis” e “mulheres provocantes” ou o assédio sexual explicado através dos homens.

A afirmação de que os homens possuem um desejo sexual difícil de controlar é bem antiga, como mostra Weeks (2007) ao analisar a literatura sobre sexualidade nas sociedades modernas, na qual a sexualidade aparece como uma força absolutamente avassaladora, remetida aos homens “agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, ou apesar disso, eram vistas como meramente reativas” (idem, p. 41). Esse tipo de definição atravessa o discurso popular⁵ na atualidade, uma das consequências é justificar casos de violência sexual contra as mulheres e desresponsabilizar os homens.

Nas narrativas dos homens, os assédios sexuais justificam-se-iam, visto que, ao invés de evidenciar a relação essencialista entre dominador versus dominado, traz outro enquadramento no qual eles apareceriam como vítimas ou pelo menos como cúmplices de uma relação anteriormente estruturada. Assim, teríamos homens com um desejo sexual superior ao das mulheres e mulheres desejando ser cortejadas e elogiadas; tal como Eva foi para Adão no mito da criação do cristianismo, elas representariam a tentação. Na versão atual, o próprio corpo feminino simbolizaria o fruto (que já não é proibido) oferecido através de comportamentos e vestimentas como artifício para provocar e conquistar a atenção masculina.

⁴ Empresa de ônibus que fica próxima à Universidade Federal de Sergipe.

⁵ Essa é uma visão compartilhada por homens e mulheres, embora tenha aparecido nos discursos das mulheres que entrevistei, nesse tópico o foco é para as narrativas dos homens, sem com isso querer dizer que este discurso é exclusivo deles.

“As mulheres são assediadas porque gostam de ser elogiadas”

Resumidamente aparecem duas explicações sobre os perfis de homens que assediam: o primeiro como natural e inofensivo, porque todo homem tem esse instinto de conquistador e o segundo, do homem como um animal irracional que não se contém e mexe com todas as mulheres, mesmo as comportadas. Para o estudante Edson⁶ (19 anos) “É porque depende do tipo do cara que esteja assediando, se ele for tarado assedia qualquer uma. O homem normal só assedia quem lhe dá liberdade”.

As mulheres são descritas como safadas ou comportadas. De acordo com a opinião de um dos estudantes: “Às vezes ela dá ousadia, está com a roupa bem curta, fica olhando [para o cara]. E às vezes passa uma mulher normal e o cara fica mexendo” (Fábio 17 anos). Beauvoir mostra como essa oposição vem de tempos muito remotos e a ideologia cristã foi um dos mecanismos que contribuiu para a opressão da mulher:

O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem; e o homem não foi feito para a mulher e sim esta para o homem [...] São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia [...], numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio. [...] o certo é que, ante a Eva pecadora, a igreja foi levada a exaltar a mãe do Redentor” (BEAVOIR, 1980, p.118; 123).

Em oposição a *Eva* temos *Ave (Maria)* que é a versão simbólica positiva da mulher modelo que deve ser seguido. Essa representação simbólica é um dos elementos que serviu para criar distinção hierarquizada entre homens e mulheres⁷.

As respostas que trazem essas afirmações apareceram quando questionados sobre: como eles imaginam que as mulheres se sentem quando são alvos de assédio? E, o que um homem espera de uma mulher quando a assedia? Ou seja, qual a expectativa deles sobre a reação dela?

Tem umas que gostam. Porque já tá no sangue gostar de elogio. Posso falar no popular? Tem umas que é safada e gosta de receber elogio. Tem umas que é certinha, que gosta de receber elogio ‘que linda’, e a outra gosta de receber ‘ai que gostosa’” (Edson, estudante 19 anos).

É perceptível que o assédio aparece nesses discursos como parte do jogo masculino, na ordem do lúdico que constitui o sujeito. Um deles tenta reproduzir para mim algumas táticas que utiliza quando vê “uma mulher gostosa” e quer chamar sua atenção:

⁶ Os nomes que aparecem são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

⁷ Para saber mais sobre essa questão ler Scott (1995) *Gênero*, uma categoria útil para a análise histórica.

O cara quando vê uma mulher, vai ligar o radar. Vê se tá acompanhada com um ‘armário’ então não mexe. Olha pros peitos. Na minha mente eu tenho cinco minutos para chamar atenção. Eu não vou mentir, já assediei, mas eu não uso muitas palavras não, (reproduz os gestos para mim, como encarar, piscar). Uma vez fui falar com uma no ônibus, ela virou o lado do anel para dizer que era uma aliança e que ela era noiva, eu entendi que era um não e saí (Ivan, 22 anos, porteiro).

Majoritariamente as mulheres sentem-se constrangidas e às vezes ameaçadas quando estão na rua ou no transporte público e são abordadas por um estranho que lhes diz palavras obscenas ou comentários sobre partes do seu corpo. Na pesquisa realizada pela Think Olga 83% das quase 8.000 entrevistadas afirmaram não gostar de receber cantada⁸.

De acordo com Menicucci, os dados sobre os diversos tipos de violência sexual mostram que “a visão sobre esses crimes sexuais ainda está intimamente vinculada à imagem que se faz da vítima, de seu comportamento e moralidade” (MENICUCCI et. al, 2005, p. 377). Vimos na pesquisa realizada pelo IPEA (2014) – na qual foi analisada a percepção dos brasileiros sobre a questão da violência contra as mulheres – que 26% das pessoas que responderam à pesquisa concordam com a afirmação de que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”.

Essa lógica de culpabilização das mulheres prevaleceu nas opiniões dos meus interlocutores. Para a maioria deles a maneira de se vestir e se portar foi apontado como a causa principal. “As mulheres são assediadas porque totalmente ajudam. As roupas extravagantes. Calça legging, shortinho, top” (Ivan, estudante, 22 anos). O tipo de vestimenta é lido como demarcador entre o que eles consideram uma mulher santa ou vadia.

Assédio sexual e masculinidades: quando eles são o alvo.

É importante desnaturalizar práticas e valores que são atribuídos a homens e mulheres como marcações de masculinidade e feminilidade baseadas nas diferenças anatômicas. (MEDRADO et. al., 2008). No entanto, percebemos como no cotidiano os modos de agir dos sujeitos e os seus valores ainda são orientados por esses estereótipos tradicionais. Nesse sentido, ao ouvir o que pensam os homens sobre o assédio sexual, foi recorrente atribuir tal prática à necessidade de corresponder às expectativas do que significa ser homem em nossa sociedade: “Às vezes porque ela

⁸ Disponível em <http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/> Acesso: 03/11/2014.

dá ousadia ou porque ele está numa roda de amigos e quer mostrar que ele é o cara. Ele só quer fazer pra se amostrar.” (Fábio, 17 anos).

Na opinião de Gilson (20 anos), estudante universitário, os assédios ocorrem porque “as mulheres ainda são vistas como sexo frágil, que não são capazes de se defender. É cultura do machismo que o homem assedia, que homem ‘macho’ assedia. Porque se acham no topo da hierarquia, por esporte ou simplesmente por sentirem prazer em assediar.”

A rotinização dessa prática aparece como um mecanismo de atualização da posição de poder do homem e de reafirmar uma concepção de masculinidade:

O assédio sustenta um lugar de poder e reafirma esse lugar. É como um desafio sexual semelhante ao que vemos nas festas: quanto mais mulheres ele beijar, quanto mais mulher levar para a cama mais homem parece ser, quer demonstrar pros outros, mas é uma masculinidade tão frágil, que não consegue se trocar no vestiário coletivo na presença de outros homens, mas precisam falar o tempo todo que tão pegando mulher. O assédio é uma expectativa em relação ao homem e a violência também (Naelson, 25 anos, estudante de Teatro).

Ao mesmo tempo, essas normas são deslocadas através de outros sentidos e práticas que em determinados contextos denunciam e não se adequam a modelos de masculinidades heteronormativos; a exemplo das situações nas quais os homens também foram alvos de assédio vindo de outros homens e sentiram-se constrangidos, frustraram as expectativas sociais em torno deles, de que homem não leva desaforo para casa, que homem é violento.

Fui assediado sexualmente por um homem, durante meu trajeto à universidade. Um homem de uns 30 anos se aproximou. Estava sentado num daqueles bancos que é uma poltrona só. O ônibus não estava cheio, o cara ficou em pé ao lado, segurando nas barras de ferro e delimitando o espaço de forma a me deixar “encurralado”. O cara estava com uma camisa meio comprida fazendo com que ele pudesse tirar e esconder o pênis. Senti que o cara estava excitado. Fiquei espantando quando percebi e não consegui, de modo algum, agir ou tomar frente para contornar a situação. Fui vítima e agi como tal: não denunciei o abuso. Fingi que estava dormindo. Eu fiquei no conflito interno entre corresponder aquilo que a sociedade espera, que é ser violento ou corresponder aquilo que eu acredito, que é a não violência. E a minha solução foi fingir que estava dormindo. As pessoas do ônibus consideraram minha passividade como uma fraqueza, pois eu como homem deveria me comportar e reagir violentamente contra o tal abusador. Uma mulher ao fundo gritou “tem tarado no busão”, e prontamente, o indivíduo se retirou, imune do julgamento presencial do ato. Continuei fingindo que estava dormindo e pude ouvir os comentários de quem estava ao redor. Alguns homens riram, as mulheres disseram coisas hostis como me chamar de trouxa, otário, que devia acordar para a vida e que o cara que estava assediando devia apanhar porque com gay tem que ser assim. As mulheres eram de meia idade, pessoas simples aparentemente sem instrução formal. Enquanto homem a perspectiva é de nunca ser assediado. E tendo

sido assediado, a expectativa das pessoas é de uma reação violenta, reagir porque é homem. Por que o homem tem que reagir com violência? Outra coisa é o estereotipo do homossexual, talvez aquele cara tenha me identificado como homossexual e a ideia de que todo homossexual é promíscuo e está disponível. É mais fácil julgar o gay. E, agora, me questiono o quão as pessoas sentem ódio o tempo inteiro e isso me assusta. Por que o homem, para se portar como homem, tem que ser violento? Por que o gay é estereotipado e “merece uma surra”? Por que o julgam como devasso ou promiscuo? Os comentários das mulheres: “Acorda pra vida, queria ver se ele tivesse gozado na cara dele, pra acordar pra realidade” mostram que o poder de reação e de julgamento da plateia é muito maior. O que mais me chamou atenção foi o ódio das mulheres no discurso. O ódio foi maior porque um homem foi assediado. Elas identificaram o cara que estava me assediando como um homossexual. Foi uma reação falocêntrica, homem tem que reagir com violência (Naelson, 25 anos, estudante de Teatro).

Esse caso traz muitos elementos para reflexão, no entanto, gostaria de destacar a revolta dos passageiros diante da sua passividade, demonstrando a expectativa de que homens reajam violentamente quando provocados, mas também parece indicar que o assédio a um homem é muito mais grave, pois trata-se de uma ação que mexeria com a sua honra. Sendo assim, a ele não caberia o lugar de vítima, tendo em vista que lhe é atribuída uma imagem de força e virilidade. Vale destacar ainda que o caso de Naelson foi uma exceção, em suas palavras: “Pensei em como deve ser difícil para as mulheres que passam por isso com frequência, porque isso nunca tinha acontecido comigo, isso não costuma acontecer com os homens. O assédio não é uma preocupação para os homens”. Depois desse dia ele não passou a questionar se deveria mudar a roupa ao utilizar ônibus, não esperou para passar pela catraca, enfim, não mudou sua rotina, porque ser assediado não está nas expectativas dos homens.

À guisa de uma conclusão

Busquei compreender por que afinal, as mulheres são assediadas? As motivações variam e esta pesquisa trouxe apenas algumas pistas iniciais para pensá-las. As expectativas acerca de como homens e mulheres devem agir em nossa sociedade contribuem para essa relação de poder em que o corpo da mulher torna-se objeto de satisfação e intervenção dos homens. Deste modo, percebi como o assédio ainda é uma conduta naturalizada por ser compreendido como uma ação que está relacionada a possibilidade de estabelecer um envolvimento afetivo; um comportamento natural dos homens por possuírem uma tendência à conquista, à tomada de iniciativa; uma atitude esperada e desejada pelas mulheres, por gostarem de ser elogiadas. Existe no imaginário popular justificativas que culpabilizam as mulheres e desculpam os homens. Ao discutir assédio sexual, vou ao mesmo tempo tentando delinear o status das mulheres na sociedade atualmente.

O critério para ser passível de assédio é o gênero, qualquer mulher pode ser assediada, independente de idade, peso, cor, vestimentas, etc. Ademais, a violação é direcionada ao feminino, as mulheres, travestis, homens afeminados, etc. Tudo isso não nos deixa esquecer o quão a nossa sociedade é misógina.

A rotinização dessa prática atinge os direitos das mulheres que diante dos constrangimentos mudam suas rotinas, evitam fazer atividades simples como andar de bicicleta nas ciclovias, andar de ônibus ou frequentar determinados espaços. Aquelas que dependem do transporte coletivo para realizar atividades básicas como estudar e trabalhar desenvolvem alguns truques na tentativa de evitar situações constrangedoras, que, no entanto, acaba cerceando seus movimentos. Tudo leva a crer que “essa rua não é minha” e que o corpo feminino é visto como espaço aberto à interferência de estranhos; Caldeira (2000) chamou de corpo incircunscrito a essa indefinição dos limites do corpo do outro, abusos e tolerância da sociedade civil às intervenções violentas no corpo das mulheres, criminosos, pobres. O constante ataque aos direitos das mulheres e a permanência de diferentes formas de violências, fruto das relações de poder e do machismo que as vê como objeto, leva-me a afirmar que as querelas do feminismo ainda não estão superadas.

Referência bibliográfica

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Fatos e Mitos. Vol. I. 5ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1980.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000. 400 páginas.
- DAS, V. *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2006.
- GOFFMAN, Erving. 2010. **Comportamentos em Lugares Públicos** – *Nota sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.
- MENICUCCI, Eleonora de Oliveira; BARBOSA, Rosana Machin et.al. Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual. Um estudo qualitativo. **Revista Saúde Pública**. 2005. P. 376-382.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- SISTEMA DE INDICADORES DE PERCEPÇÃO SOCIAL. Tolerância social à violência Contra as mulheres. IPEA. 2014.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2007.